

**(RE)VISITANDO SIGNIFICADOS: UMA ANÁLISE DO ENCONTRO DA ALTA
MODA COM A ARTE CONTEMPORÂNEA DE ERWIN WURM**

*(RE) Visiting meanings: an analysis of the meeting of high fashion with the contemporary art
by Erwin Wurm*

Leite, Lara Brito; Pós-graduanda; Universidade Federal de Pernambuco¹,

laramirra@outlook.com

Rocha, Maria Alice Vasconcelos; PhD; Universidade Federal Rural de Pernambuco²,

modalice.br@gmail.com

Resumo: Moda e arte por muitas vezes tiveram significados opostos, tendo em vista que a primeira segue um padrão estético orientado pelo mercado, pela tendência, e que o mundo das artes possui uma orientação metafísica no que tange os significados estéticos, extraestéticos e os juízos valorativos. Neste trabalho, essa reflexão é pensada através da análise iconográfica das fotografias do artista Erwin Wurm para a revista *Interview*.

Palavras chave: Estética; Arte contemporânea; Moda.

Abstract: Fashion and art have often had opposite meanings, considering that the first follows an aesthetic pattern oriented by the market, by trends, and that the world of the arts has a broad orientation regarding the aesthetic, extra-aesthetic meanings and the evaluative judgments. In this work, this reflection is through the iconographic analysis of the photographs of the artist Erwin Wurm for the Interview magazine.


Keywords: Aesthetic; Contemporary art; Fashion.

Introdução

“O que é arte?” ou “O que é uma obra de arte?” são perguntas que frequentemente estão rondando os campos de estudo da arte, da filosofia, da estética e até mesmo o senso comum, tendo em vista que diferente de outros momentos históricos onde a arte era acessada apenas por parte da sociedade (como na Idade Média), hoje existem novos canais de acesso e

¹ Formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e estudante do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco.

² Professora Doutora do Departamento de Ciências Domésticas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, onde também atua como docente no Bacharelado em Economia Doméstica e no Bacharelado em Ciências do Consumo.



maiores possibilidades de encontros entre o público e as obras. Aqui, não teremos como objetivo encontrar respostas para tais questionamentos mas sim, reunir posicionamentos de teóricos que nos ajudem a refletir sobre a complexidade em que arte contemporânea está submersa, ao ponto de introduzir, em sua dimensão, peças de roupas que foram inicialmente produzidas por um sistema mercadológico, pouco próximo das aspirações subjetivas artísticas. Nesse sentido, as fotos de Erwin Wurm publicadas na revista norte americana “Interview” em dezembro de 2020, será o nosso objeto de análise e fomentação. De acordo com Casimiro (2016, p. 21) o método de análise iconográfica consiste em classificar, analisar, identificar (interpretar) e justificar as fórmulas adotadas pelos artistas. Sendo esse um método pertinente para o presente estudo, também, utilizou-se de revisão bibliográfica para apreender os conceitos aqui contidos, revisando alguns escritos de Maria E. Reicher (2009), Hall Foster (2017) e Lars Svendsen (2004).

1. Arte contemporânea: conceituação, pontuações estéticas e as vanguardas

Do ponto de vista filosófico, a sociedade do mundo atual encontra-se distante dos paradigmas de outrora, nesse sentido, Vilém Flusser (2017, p.54) nos lembra que o novo homem não é mais uma pessoa de ações concretas, mas sim um *performer*, cujo a vida aos poucos foi se tornando um grande palco para vivenciar, experimentar, ter sensações. Essa definição poderá nos guiar ao encontro dos objetos artísticos produzidos na contemporaneidade, onde muitas vezes o artista atua como parte da obra, lembremos das *performances*, dos *happenings* e da *body art*... Essas expressões surgem no início do século XX, quando as vanguardas europeias começaram a questionar o que se era produzido até então, sugerindo novas perspectivas artísticas que ultrapassariam as formas convencionais de pintura em tela, esculturas no mármore e afins...

Dentre as vanguardas do pré-guerra (ou vanguardas históricas), Hall Foster (2017, p.24) nos chama à atenção para o *ready-made*³ do Dadaísmo, cujo o “pai fundador” foi Marcel Duchamp com sua obra “Fonte” em 1917. Para o autor, essa expressão artística trata da inclusão de objetos do cotidiano atrelados a uma indiferença estética, nesse sentido, a arte do dadá teria como principal foco a crítica aos princípios burgueses de arte

³ Literalmente, “feito pronto”.

autônoma. Sobre essa estética despreziosa, Maria E. Reicher (2009, p.181) afirma que na visão duchampiana qualquer artefato do cotidiano ao ser selecionado por um artista, poderia se tornar arte, até mesmo os objetos industriais sem maiores preocupações estéticas. Lembremos da Fonte, ‘trata-se de uma bacia branca de mictório de porcelana, autografada [...] e colocada sobre um pedestal, em uma direção que não corresponde a sua utilidade original’ (*idem*). Nesse sentido, pode-se inferir que para um objeto ter o *status* de “obra de arte” ele precisa estar inserido em condições necessárias.

Outro ponto importante na arte do século XX foram as neovanguardas (1950-1960) que, de acordo com Hall Foster (2017, p.25), trataram de reestudar as vanguardas do passado. Em 1950 houve uma reciclagem do que já fora feito antes, enquanto em 1960 os procedimentos foram elaborados mais criticamente, afinal, ‘a pressão da consciência histórica não permitia nada menos que isso’. O autor determina que entre as neovanguardas e as vanguardas históricas existe uma espécie de intercâmbio, uma relação complexa de antecipação e reconstrução (*idem*, p.32). Por fim, Foster cita uma frase impactante do neovanguardista Allan Kaprow acerca da mimese entre o mundo da arte e a vida: “a pintura tem a ver tanto com a arte quanto com a vida”.

Sobre a definição da arte, Maria E. Reicher (2009, p.193) afirma que se houvesse uma teoria bem elaborada sobre a experiência estética, no sentido de dar conta dessa amplitude, a arte poderia ser definida como ‘aquilo que é intencionado como meio de experiências estéticas de uma determinada espécie’, como essa ainda não foi criada e os limites são fluidos, utilizaremos aqui apenas a certeza que ‘uma obra de arte não precisa ter características formais específicas’ e que ‘obras de arte podem ser portadoras de qualidades estéticas, bem como objetos de experiência estética e de juízos valorativos estéticos’ (*idem*, p.104).

2. Arte & moda: de mãos dadas ou não?

O surgimento da alta costura data meados do século XIX, seus fundadores Charles Frederick Worth e Paul Poiret sempre tiveram a intenção de serem conhecidos como “artistas” e não como “costureiros, pois acreditavam que suas criações seriam verdadeiras obras de arte. De acordo com Lars Svendsen, ‘Worth promoveu a “emancipação” do estilista, que deixaria de ser um simples artesão, inteiramente subordinado aos desejos do

cliente, para ser um “criador livre” que [...] criava obras com base em sua própria subjetividade’ (SVENDSEN, 2004, p.63). Essa definição iria de posição contrária às definições de Arte e Ofícios que ocorrera no século anterior e, nesse sentido, a costura fora classificada como ofício e não como arte. Pensando na realidade contemporânea, a esfera da alta moda segue driblando o puro sentido mercadológico, algumas marcas como a joalheria Cartier⁴ e a Prada⁵ criaram seus próprios museus, entrando em sincronia com a famosa frase de Poiret: “Sou um artista, não um costureiro.” (*apud* SVENDSEN, *idem*). Entretanto, não se pode isolar a moda em uma categoria unicamente pertencente ao valor dos juízos estéticos, de acordo com Frédéric Godart, existem forças exteriores e exógenas que a influencia profundamente:

Quais são essas forças? Elas são numerosas. Há inicialmente o conjunto dos costureiros, valores morais e dispositivos legais, já evocados, que limitam o espaço das possibilidades da aparência. Em seguida, existe a estrutura organizacional e institucional da indústria da moda, que enquadra a produção dos vestuários e a seleção de estilos. Finalmente, há o conjunto das forças culturais, econômicas, políticas e sociais, que determinam a mudança na moda. (GODART, 2010, p.84-85)

Diante da complexidade do fenômeno social que é moda, diferentes correntes do pensamento científico construíram suas definições e explicações, na sociologia encontramos os escritos de Tarde, Simmel, Veblen; na psicologia os de Bush; na Semiologia as teorias de Barthes... No mundo ocidental, até os menos abastados estão incluídos no universo da moda na medida em que são conscientes de que não podem ter grande participação nele. Estar excluído do “jogo”, e ter consciência dessa exclusão, é estar dentro de sua esfera (SVENDSEN, p.13, *ibidem*). Nesse sentido, compreender a moda é, para Lipovetsky (2009, p.43), ao mesmo tempo, compreender a própria dinâmica social, além de marcar a distinção social, a moda também é entendida como “prazer para os olhos”. Do ponto de vista sociológico, o termo “moda” pode ser entendido de duas maneiras, primeiro, como a indústria criativa que emprega milhares de pessoas e ocupa o ranking mundial de prioridades de consumo; segundo, como o processo social não cumulativo de trocas consecutivas (GODART, p.10-11, *idem*).

⁴ Cartier é uma empresa francesa multinacional que produz objetos de luxo, como relógios e jóias.

⁵ Prada é uma marca italiana de moda, considerada um símbolo de luxo e status.

Dentre tantas definições, a de Lipovetsky supracitada poderia muito sucintamente nos aproximar do mundo das artes, afinal, seria “o contemplar estético” a principal função das artes? Maria E. Reicher (2009, p.147) nos esclarece que a palavra “arte” está sendo usada em muitos sentidos, nem todos relevantes no campo da estética. Em um período não muito distante, o termo poderia ser compreendido como “uma habilidade” que poderia se estender do campo artesanal ao científico, por exemplo. Contudo, devemos recordar que apenas é objeto da estética da arte as famosas “belas artes”⁶, mesmo não sendo possível muitas vezes no dia-dia separarmos as habilidades artísticas das artesanais.

Ainda de acordo com o pensamento da autora supracitada, muitas são as teorias que deram conta de explicar ou responder à pergunta: “O que é arte?” pode-se citar as teorias da arte como instituição, como expressão ou como representação, por exemplo. Aqui, entenderemos a arte como “comunicação”, seguindo o modelo proposto por Maria Reicher (2009):

Proponho considerar arte uma forma particular da comunicação. Em cada comunicação há (ao menos) um emissor (ou produtor) e (ao menos) um receptor (ou recipiente). Além disso, há um meio da comunicação, que é um objeto que transmite o conteúdo que deve ser comunicado. [...] No caso da comunicação artística, portanto, a obra de arte é o meio pelo qual a artista transmite algo aos receptores. (REICHER, *idem*, p.190)

Seguindo o pensamento da autora, contudo, devemos nos lembrar que nem toda comunicação é de fato artística, sendo assim, a definição de arte deveria ser ‘x é uma obra de arte exatamente quando x é intencionado por um emissor (produtor) como meio de uma experiência estética’ (*ibidem*, p. 191). Nesse contexto, a intenção do artista fica em primeiro plano, abarcando experiências como o *ready-made* e o *objets trouvés*⁷. Essa definição permite que uma pedra por exemplo, ao ser encontrada em uma montanha, levada e apresentada em um expositor de maneira adequada, seja considerada arte, ou até mesmo uma roupa, já que também a teoria não exclui a possibilidade de utilidade prática do objeto artístico.

⁶ Pintura, escultura, literatura e música, por exemplo.

⁷ Qualquer objeto comum considerado do ponto de vista estético.

3. Erwin Wurm: as esculturas de um minuto e a alta moda

Erwin Wurm é um artista austríaco contemporâneo, suas obras envolvem as diversas dimensões do ser humano: o físico, o espiritual, o psicológico e o político. As informações aqui escritas estão contidas na revista norte americana “Interview” e foram traduzidas livremente do inglês para o português.⁸ De acordo com Marino (2020, s.p), ‘a tendência de Wurm para a reimaginação absurda do mundo comum se estende a carros, casas, comida (*pickles* gigantes e cachorros-quentes), e roupas (suéteres esticados sobre a cabeça como mangas intermináveis ou móveis vestidos com trajes humanos)’. A versatilidade de suas obras percorre os campos da escultura, performance, fotografia... Nesse sentido, o artista segue a irreverência dadaísta do início do século XX.

Erwin Wurm não faz arte para o esteta indiferente. Ao encontrar uma escultura do artista [...] o "espectador" pode ser solicitado a colocar a cabeça em uma caixa, enfiar lápis no nariz, ficar em um balde com outro balde sobre a cabeça ou deitar horizontalmente contrabalançado em dois bancos; e enquanto faz isso, pense no filósofo Baruch Spinoza, ou desfrute de um minuto de silêncio, ou contemple o mar distante (MARINO, *idem*, s.p).

Apesar da alta moda não ser um tema central na obra de Wurm, o artista fora convidado pela revista “Interview” para fotografar peças recém lançadas na semana de moda europeia, escolhidas pelo *stylist* Niki Pauls⁹. Essa atividade foi tratada de forma semelhante às séries contínuas de “Esculturas de um minuto” de Wurm, desenvolvida no final dos anos 1980, na qual, por 60 segundos, a obra de arte e o visualizador se fundem - em certo sentido, ativando um ao outro para criar uma obra-prima original e paradoxal’ (MARINO, *ibidem*, s.p).

Figura 1: Look verde by Gucci, vestido by Bottega e Veneta, sapato by Mugler.



⁸ A revista Interview, e em especial a reportagem referenciada aqui pode ser acessada pelo link: <https://www.interviewmagazine.com/fashion/erwin-wurm-the-artist-who-swallowed-the-world>

⁹ Niki Pauls é um *stylist* e consultor de moda, cofundador da empresa artística Cicciolina em Paris.

Fonte: Interview Magazine.

Figura 2: Look by Dior, bolsa by Balenciaga, casaco, saia e botas by Prada.



Fonte: Interview Magazine.

Considerações Finais

Os processos artísticos fazem parte da vida humana desde os tempos mais longínquos, até mesmo quando não se podia dimensionar o significado estético de tais criações. A arte pode ser entendida como um vetor comunicacional da vida social, onde por meio dela se transmite uma gama de significados, ao mesmo tempo em que paradoxalmente espelha-se uma demanda particular do espectador que a interpreta. Nesse sentido, a frase do neovanguardista Allan Kaprow (*apud* Foster, 2017) sobre a mimese que atravessa a vida e a arte, pode ser de fato incluída na busca por respostas que configuram a teia entre o real e o estético, a vida e a arte.

Ao aceitarmos a definição de Maria E. Reich (2009) da obra de arte como “meio pelo qual a artista transmite algo aos receptores” encontramos um ponto em comum com a definição de Lipovetsky sobre moda, afinal, cabem às roupas transmitir “prazer para os olhos”. A lei de Artes e Ofícios do século XVIII que separava ambas as atividades parecem ter perdido seu significado diante das múltiplas possibilidades atribuídas aos mesmos no mundo contemporâneo difuso. Por diversas vezes a arte e a alta moda aproximaram-se em editoriais de revistas, na passarela ou nos museus que contém peças de vestuário em seus acervos.

Essa aproximação não implica na premissa que toda veste produzida pela indústria é arte, na verdade, implica em uma condição oposta e mais pontual: a veste é arte quando

se posiciona para tal, emanando um significado estético próprio da condição atribuída. Nesse sentido, a obra de Erwin Wurm pode nos servir para aclarar esse conceito, tendo em vista a posição em que o artista coloca objetos do cotidiano (como pás) em uma dimensão para além da usual, propondo uma nova relação entre sujeito e objeto, ao mesmo tempo que oferece para nós espectadores de sua obra, um novo significado estético. Do mesmo modo podemos repensar ou ter uma nova experiência com as roupas, sapatos e acessórios da alta moda, diferente da que se tem ao vê-las expostas em uma vitrine. Essas múltiplas faces que a arte contemporânea nos oferece está contida nas suas tantas expressões, sejam elas os *happenings*, *performances*, *body art*, *ready-mades* ou as muitas outras versões daquilo que teve como ponto de partida a ressignificação de um urinol, proposta por Marcel Duchamp.

Referências

- CASIMIRO, Luís Alberto Esteves dos Santos. **Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de Artes Visuais, Arquitetura e Design** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 18-39.
- FOSTER, Hall. **O retorno do real: a vanguarda no final do século XX**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação**. São. Paulo: Cosac & Naif, 2017.
- GODART, Frédéric. **Sociologia da moda**. São Paulo: Senac, 2010.
- LIPOVERSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- REICHER, Maria E. **Introdução à estética filosófica**. São Paulo: Loyola, 2009.
- MARINO, Peter. **Erwin Wurm is always blowing everything out of proportion**. Estados Unidos da América, 2020. Disponível em: <<https://www.interviewmagazine.com/fashion/erwin-wurm-the-artist-who-swallowed-the-world/>>. Acesso em: 09 jun. 2021
- SVENDSEN, Lars. **Moda uma Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- 